

OS SENTIDOS DE SER SURDO: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS SURDOS DO INES

The meanings of being deaf: a study of the social representations of the young deaf people at INES

*Simone Conforto

*Professora de História do INES. Mestre em Educação na linha das representações sociais (UNESA).
E-mail: siconforti@uol.com.br sissaconforti@yahoo.com.br

**Helenice Maia Gonçalves

**Doutora em Educação (UFRJ). Professora do Mestrado em Educação da UNESA.
E-mail: helemaia@uol.com.br

Material recebido em maio de 2009 e selecionado em junho de 2009

RESUMO

Este artigo relata como se desenvolveu a pesquisa sobre os sentidos de ser surdo, com enfoque teórico-metodológico nas representações sociais, desenvolvida no Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), e teve por objetivo buscar indícios das representações sociais de ser surdo, produzidas por alunos do ensino fundamental matriculados neste Instituto.

Palavras-Chave: Surdez. Representações sociais. Ser surdo.

ABSTRACT

This article relates the research on the meanings of being deaf, with a theoretical-methodological approach of the social representations. The research was developed at the National Institute for the Education of the Deaf - INES. The intention of the study was to search indications of the social representations of being deaf,

produced by Fundamental Education (Elementary and Junior High School) students of this institution.

Keywords: Deafness. Social Representations. Being deaf.

1- AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SER SURDO

Um dos objetos que são mais permeáveis ao fenômeno da representação social e, portanto, também, passíveis de análise por essa teoria, são aqueles relativos à classe, gênero, etnia ou alguma forma de diferença social, como, por exemplo, aqueles comumente denominados como *portadores de necessidades especiais*. Isso porque tais conceitos, além de serem por si mesmos uma representação social, dizem respeito tanto à sociedade como um todo, atravessando-a (afinal, necessariamente pertencemos a uma determinada classe, gênero, etnia e, portadores ou não de *necessidades especiais*, estamos todos sob o domínio de

uma norma que determina quem é ou não *portador de uma necessidade especial*).

É nesse contexto que a condição surda torna-se um objeto significativo para a realização de uma análise por meio da teoria da representação social. Foi com esse objetivo que empreendemos uma análise da forma como alunos surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) eram e são vistos pela sociedade brasileira e como aqueles viam e veem-se a si mesmos. Tal pesquisa teve origem a partir do nosso tempo de docência no INES, como professora de história, nas reflexões acerca da língua de sinais (LIBRAS), e dos procedimentos adotados em sala de aula por todos os professores de surdos.

Para isso, serviram-nos de questões norteadoras indagações tais como: – Quais as representações sociais de ser surdo? – Houve mudanças nas representações sociais de ser surdo (durante o curso da pesquisa e das aulas ministradas por nós como professora da instituição)?

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

A partir da prática como professora de história do ensino médio para alunos surdos, relacionando tais questões ao currículo de 5.^a e 6.^a séries, pudemos aproveitar discussões relativas à diferença, identidade e surdez, registrando as manifestações dos alunos nos debates.

Muitas foram as pesquisas que contribuíram para uma melhor análise da questão surda e que, por isso, foram importantes para a elaboração desta pesquisa com alunos do INES. Entre elas, poderíamos mencionar o trabalho de Favorito (2006), investigando que representações são construídas por surdos adultos, tendo como objeto uma turma da Educação de Jovens e Adultos do INES, que concluiu com a observação de que as representações construídas pelos participantes acerca das duas línguas que circulam naquele contexto escolar remetem a um conflito nuclear vivido por todos: a língua de sinais, língua natural dos alunos surdos, importante traço identitário desse grupo. Prosseguindo, Favorito observa que a repercussão desse conflito nas interações entre os participantes e nos diferentes significados que atribuem às línguas ora os insere, ora os desloca dos discursos hegemônicos historicamente construídos sobre os surdos e a surdez calcados na representação matriz da deficiência. É nas brechas desses deslocamentos, presentes nas vozes desses participantes, que esse estudo se apoia, para apontar possíveis saídas em direção a um projeto educativo que incorpore os próprios surdos em sua arquitetura curricular e em suas decisões pedagógicas.

Outros trabalhos também foram importantes, entre os quais a

pesquisa desenvolvida por Silva e Pereira (2003), que analisa a imagem que o professor possui acerca da surdez e a influência dessa imagem na prática pedagógica; a pesquisa de Bettencourt e Montagnoli (2007), que buscou conhecer as representações sociais da surdez e o impacto da surdez no cotidiano de familiares de crianças surdas; a pesquisa de Silva (2007), que analisa a representação social que pais, professores e os próprios alunos surdos fazem da surdez, sob a perspectiva da psicanálise; a pesquisa de Lunardi (2001), que utiliza a noção de normalidade para analisar as práticas de inclusão e exclusão social, consideradas como duas faces de uma mesma moeda; a pesquisa de Félix, Rampelloto e Thoma (1999), que analisa a influência da língua de sinais na educação surda, abordando questões relativas à identidade surda e observando a existência de uma variedade de identidades surdas; o trabalho de Gesueli (2006), que apresenta uma nova abordagem, apontando para uma nova visão em surdez que implica mudanças ideológicas que rompem de vez com o oralismo e com a comunicação total, já que esta, segundo a autora, não fez mudanças substanciais na forma como se utiliza a língua de sinais; o trabalho de Behares (1993), que observa que a aceitação do surdo significa aceitar sua cultura e não apenas uma mudança metodológica de ensino; por fim, o trabalho de Skliar (1998), que vê a surdez como uma concepção, sendo uma experiência visual. Para ele a surdez é, sobretudo, uma experiência visual com identidades múltiplas e multifacetadas. Compartilham

desse entendimento Silva (2000) e Perlin (1998), dentre outros. No entanto, poucos foram os trabalhos que, embora tivessem como objeto as pessoas surdas, tivessem também dado voz a estas, como o que procuramos empreender.

2-A PESQUISA

A primeira fase desta pesquisa consistiu em fazer com os alunos grupos focais, discutindo estes temas. Numa segunda fase, houve aulas-intervenção e, na terceira fase, comparamos e verificamos se houve efetivamente mudanças nas representações sociais de ser surdo a partir das aulas interventivas. A pesquisa se desenvolveu por de três fases distintas, nas quais pudemos comparar e verificar se houve efetivamente uma mudança nas representações de ser surdo a partir dos grupos focais e das aulas-intervenção.

O grupo focal é utilizado na pesquisa para elucidar questões, antes da escolha de outras formas de formulação e aplicação de técnicas e coleta de dados. A organização de um grupo focal é útil para que se levantem interesses, num grupo, acerca de suas expectativas e necessidades em relação ao tema estudado. Os grupos foram filmados, interpretados e traduzidos com auxílio do intérprete, por respeito à cultura surda. Após a análise desses grupos, construímos um quadro organizando as categorias mais recorrentes encontradas, objetivando descobrir os discursos escondidos e marcas utilizadas pelos jovens surdos ao se narrarem e se representarem. Ao final da mesma pesquisa, pudemos verificar de que

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

99

forma os surdos se representam a si mesmos, se essas representações estão ligadas à deficiência ou, ainda, como se sentem em relação à estigmatização, ou se sentem diferentes como usuários de outra língua e, em função disso, de uma certa maneira, participantes de uma cultura específica.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas. Na primeira, foram realizadas quatro sessões de grupo focal (MORGAN, 1998; KRUEGER, 1998; GATTI, 2005) com alunos que cursavam duas turmas de 5.^a e duas turmas de 6.^a séries do ensino fundamental e que estavam matriculados no INES no ano de 2007, um em cada turma. Durante essas sessões, tópicos específicos foram propostos para discussão, com a intenção de apreender informações sobre os sentidos de ser surdo, a partir da interação entre os participantes.

Nesses momentos, pretendemos verificar as expectativas de cada aluno enquanto *ser surdo*, relacionado com a perspectiva de *ser deficiente, não ouvinte e não falante*. O registro simultâneo e posterior das *falas* mais representativas e a gravação em vídeo das sessões permitiram levantar as informações que circulavam no grupo. Foram registradas 111 *falas* que, submetidas à análise categorial temática (BARDIN, 1987), originaram nove categorias (normalidade, solidão, comunicação, maus-tratos, língua de sinais, INES, relacionamento com ouvintes, proteção da família), sendo a de maior frequência a que agrupou *falas* sobre o relacionamento entre ouvintes e não ouvintes. Nessa etapa, foi possível identificar que os jovens ancora-

vam os sentidos de ser surdo no *slogan* divulgado pelo Instituto Meta-Social: *ser diferente é normal*.

Numa segunda etapa, foi realizada uma intervenção, durante as aulas de história, momento em que procuramos realizar a articulação entre os conteúdos desenvolvidos nessa disciplina e diferentes questões relacionadas à cultura surda. Ao estimular a participação dos alunos nos debates promovidos em sala de aula, esperávamos poder verificar se teria havido mudanças em suas manifestações.

As manifestações dos alunos foram coletadas por meio de registro cursivo de todas as aulas ministradas durante quatro meses e de gravação em vídeo de quatro aulas por turma, também durante quatro meses, para análise posterior. Nesse período, foi possível verificar que os alunos possuíam pouca informação sobre: história dos surdos, legislação específica, instituições, associações e fundações que promovem atividades para os surdos ou movimento surdo, tendo sido

possível observar atitudes de revolta e indignação do grupo, quando eram discutidos temas relacionados, por exemplo, à exclusão dos diferentes e à sua participação na sociedade.

Numa terceira etapa, quatro novas sessões de grupo focal foram realizadas com os participantes, para verificar se houve alguma mudança de ideias, saberes, fins, valores e visões de mundo provocada pela intervenção. Para tanto, foram colocados em discussão os mesmos tópicos da rodada inicial para que as manifestações iniciais e finais dos alunos pudessem ser comparadas. Tal comparação permitiria verificar se a intervenção (BRANDÃO, 1981; THIOLLENT, 1985) realizada pôde contribuir para uma transformação das representações sociais de ser surdo (ALVES-MAZZOTTI; WILSON, 2004).

Numa quarta e última etapa, o registro simultâneo e posterior das *falas* mais representativas e a gravação em vídeo das sessões tam-

(...) foi possível verificar que os alunos possuíam pouca informação sobre: história dos surdos, legislação específica, instituições, associações e fundações que promovem atividades para os surdos ou movimento surdo, tendo sido possível observar atitudes de revolta e indignação do grupo, quando eram discutidos temas relacionados, por exemplo, à exclusão dos diferentes e à sua participação na sociedade

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

bém permitiram levantar as informações que agora circulavam no grupo. Foram registradas 101 *falas* que, submetidas à análise categorial temática (BARDIN, 1987), originaram sete categorias (normalidade, comunicação, língua de sinais, INES, relacionamento com ouvintes, proteção da família, associações e cultura surda), sendo a de maior frequência a que agrupou *falas* sobre o relacionamento entre ouvintes e não ouvintes. Aqui, identificou-se que os jovens também ancoravam os sentidos de ser surdo na frase *ser diferente é normal*.

Com a intervenção, o que se esperava era contribuir para o desfazimento da perspectiva patológico-clínica sobre o sujeito surdo e revelar a importância da formação da identidade surda e da cultura surda para o surdo.

3- METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa com enfoque teórico-metodológico nas representações sociais aqui apresentada teve por objetivo buscar indícios das representações sociais de ser surdo, produzidas por 23 moças e 34 rapazes (N = 57) na faixa etária de 12 a 18 anos, alunos de duas turmas de 5.^a série e duas de 6.^a série do ensino fundamental do INES, no Rio de Janeiro, no ano de 2007.

Por entendermos que a abordagem qualitativa é adequada a este estudo, características como: ser realizada no local de origem dos dados; tomar o ambiente natural como fonte direta para obtenção dos dados; ter o pesquisador como seu instrumento fundamental; descrever as situações em seus contex-

tos, tal como ocorreram; e captar o significado que as pessoas dão às coisas e à vida (GODOY, 1995) foram rigorosamente seguidas.

As representações sociais de ser surdo produzidas por moças e rapazes que participaram desse estudo foram buscadas por meio de duas técnicas: observação participante, em que o pesquisador participa das situações instauradas e chega ao conhecimento do grupo a partir de seu interior, e grupo focal, técnica não diretiva, em que o moderador facilita a discussão sobre um tema em foco, sem interferir, e procurando estimular que todos falem.

Como a realização do grupo focal com surdos é relativamente difícil, uma vez que as perguntas precisam ser traduzidas em língua de sinais, foi necessária a presença de um tradutor-intérprete de LIBRAS para que os alunos surdos pudessem compreender o que estava sendo solicitado e serem compreendidos em seus depoimentos. Sua presença visava a garantir, também, que não houvesse dúvidas e mal-entendidos consequentes de problemas de comunicação. Entendemos, como Shirley Vilhalva, que o tradutor-intérprete é um canal que interliga o mundo do ouvinte e o mundo do surdo. Devido a isso, sua presença se torna imprescindível porque ele capta palavras e emoções daquele que fala e as transmite para os surdos e vice-versa. Nas conversações, seu papel era facilitar a discussão e a troca de experiências, contribuindo para que o debate acontecesse da forma mais natural possível.

Como pretendíamos verificar se haveria mudanças nas representações sociais de ser surdo produzidas

pelos alunos após sua participação nas aulas de história, ao construirmos o *design* da pesquisa, consideramos ser possível empreender uma pesquisa do tipo intervenção.

A pesquisa-intervenção vem sendo muito utilizada em diferentes instituições, pois viabiliza “a construção de espaços de problematização coletiva junto às práticas de formação e potencializa a produção de um novo pensar / fazer educação” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 64). Nesse tipo de pesquisa, há uma interferência do pesquisador na realidade pesquisada sem que haja mudança imediata provocada pela ação instituída. A pesquisa empreendida mostrou que os alunos surdos se definem como normais, não deficientes, apenas diferentes. Veem um mundo partido, dividido, antagônico e que os rejeita. Vivem suas carências e as enfrentam como podem, inclusive pelo silêncio, pela sua invisibilidade.

4- CONCLUSÕES

A pesquisa demonstrou que a forma como os alunos surdos do INES se representam não deixa de apresentar a mesma estrutura que a forma como a sociedade ouvinte os representa. Desse modo, em seu esforço por se fazerem integrar e incluir na sociedade, sendo aceitos como tais, os surdos também tendem a recorrer ao mesmo universo categorial carregado de preconceito que é utilizado para os representar. Destarte, uma das categorias que se apresenta com relativa frequência no discurso dos alunos é a de *normal*. No entanto, se inicialmente essa categoria foi utilizada pela

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

101

sociedade para definir os surdos e excluí-los, obrigando-os a se adequarem a uma norma, posteriormente foi empregada para negar essa própria exclusão. Nesse caso, a categoria *norma* deixou de ter uma definição *dura*, restrita, que excluía uma série de diferenças (embora nem toda diferença, como se sugeria, pois isso seria totalmente impossível, uma vez que, no limite, todos somos diferentes!) para apresentar uma definição mais plástica, abrangendo um maior número de diferenças, entre as quais a condição surda. É assim que a afirmação de que ser surdo é normal destaca-se entre as declarações dos alunos, de início, como uma reação ao discurso que os considera (mesmo que implicitamente) como *anormais*.

Num segundo momento, há uma inversão da forma de representação, como que por meio de uma subversão, com os surdos colocando-se como normais, ao mesmo tempo que questionando a normalidade dos ouvintes. Não porque estes não sejam surdos, mas porque, por verem os surdos como *anormais*, acabam por não agir de uma forma correta, e, de uma certa forma, a não agir de acordo com uma norma (uma outra norma) para com os mesmos surdos, que são tão normais como as demais pessoas (vivem e têm tanto direito à vida quanto qualquer um).

Mas a categoria *norma* e seus correlatos (normal, anormal, normalidade, etc.) permeia todo o discurso dos alunos. Com efeito, comparar-se com o que se considera por outrem como normal leva-os a uma solidão que é experimentada concretamente pelos surdos. A relação normalidade-diferença-

solidão é um trinômio que desperta e que o surdo sente como não familiar, ancorando seu sentimento na normalidade para se sentir igual aos demais.

Essa solidão é experimentada, num primeiro momento, por meio da exclusão discursiva, ao não ser considerado como normal. Depois, como alguém que deve se adequar a uma norma que, no entanto, não é adequada a ele. Este é o caso, por exemplo, das tentativas históricas de fazer com que os surdos aprendessem a falar (o oralismo), que vigorou durante tantos anos na educação surda (inclusive no INES) e que tantas marcas deixou na educação e na condição surda. Esse sentimento de solidão decorre ainda do fato de a maioria dos

Mas a categoria *norma* e seus correlatos (normal, anormal, normalidade, etc.) permeia todo o discurso dos alunos. Com efeito, comparar-se com o que se considera por outrem como normal leva-os a uma solidão que é experimentada concretamente pelos surdos.

ouvintes não conhecer a LIBRAS, a língua dos sinais. O surdo, então, sente-se como que numa Torre de Babel, onde cada um fala uma língua mas ninguém se entende. O surdo não é compreendido e, desse modo, novamente, fica excluído e só. Por isso, também a importância da língua de sinais para o surdo e o fato de este acabar por construir uma *comunidade surda*, como uma *pátria*, com vistas, justamente, a romper a incomunicabilidade, a solidão e a exclusão. Afinal, como nos dissera Caetano Veloso, “minha língua é minha pátria!”.

A não aceitação da condição surda como uma normalidade, ou uma diferença dentro de uma normalidade, leva necessariamente ao mau-trato para com os surdos. Afinal, não ser considerado como normal, e, portanto, incluído, integrado, já é um mau-trato. Ademais, sabe-se que para que o mau-trato possa ser realizado sem um arrependimento e uma culpa, torna-se necessário que o objeto (ser) para o qual se dirige esse mau-trato não seja considerado como igual, pois, do contrário, se estaria, pelo menos em tese, admitindo a possibilidade de um igual agir com mau-trato para com outro igual e consigo mesmo. Portanto, faz parte da lógica que fundamenta a prática de maus-tratos para com os surdos o esquema: surdo/diferente/forma da norma/excluído/mau-trato, que é a mesma base para as práticas de racismo e escravização nas mais diferentes formas. Nesse caso, escravização da alma.

Portanto, a forma como o surdo é representado socialmente, com amplas repercussões no modo como ele representa a si mesmo, é

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

bastante semelhante à forma como a sociedade – esta já em si mesma uma Torre de Babel, portanto um conjunto de diferenças – tende a representar a *diferença*. Sob a forma de uma predominância do familiar sobre o não familiar. Portanto, a partir de modelos preconcebidos de identidade, por meio de *diferenças já conhecidas*. É assim que, num primeiro momento, dada a dificuldade de comunicação do surdo com o ouvinte, aquele é identificado como *idiota* ou o *deficiente mental*, de resto já representados de forma preconceituosa. Desse modo, pode-se dizer que a representação ser surdo pela sociedade

apresenta-se, num certo sentido, como uma objetivação potenciada, uma vez que é uma objetivação realizada por meio de algo (a representação do deficiente mental) que já fora anteriormente objetivado. E uma vez objetivado, tende-se a se reificar. O que possui implicações deveras prejudiciais para a educação surda.

É preciso pensar o não lugar do outro, pois todos somos, de certo modo, outros, diferentes. O outro parece ser somente um de fora, um permanente estrangeiro. A relação excluído/incluído ainda persiste. É uma típica representação social de território, de onde foi exercida

pressão para organizar o mundo, a cultura e onde há sujeitos fora do mapa, o que pressupõe necessariamente a existência de sujeitos dentro do mapa: os estabelecidos, os incluídos.

Esse binômio exclusão/inclusão constitui sujeitos, configura pactos, poderes. Assim, o mundo politicamente correto, conforme define Skliar (1998), é o mundo onde se nomeia o surdo, o índio, o negro. Ao não nomeá-los, não dizê-los, mantemos intactas as representações e os olhares sobre eles. E, ao nomeá-los, mantemos a distância entre nós.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE PERNAMBUCO. Para uma cronologia da educação dos surdos. Disponível em: <http://www.asspe.com.br/educacao.php.%20Acesso%20em%2024/06/06>.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BEHARES, L. E. Nuevas corrientes en la educacion del surdo: de los enfoques clinicos a los culturales. In *Cadernos de Educação Especial*, 1 (4), 1993.

CICCONE, M. *A surdez e a pessoa surda: revisão e tópicos básicos*. Rio de Janeiro: Cultura, 1996.

DORZIAT, A. *Metodologias específicas ao ensino de surdos*. Disponível em: http://www.ines.gov.br/ines_livros.%20Acesso%20em%2004/09/2007.

DUARTE, M.; DUSCHATZKY, S. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J. C. (Orgs.) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

FAVORITO, W. *O difícil são as palavras: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). UNICAMP, Campinas.

GESUELI, Z. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. In *Educação e Sociedade*, Campinas,

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jul-Dez/09

103

vol. 27, n. 94, jan/abr 2006, p. 277-292.

FLÔRES, A. C. *Monitor surdo: que sujeito é esse?*. 2005. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de ciências da Saúde e do Ambiente). Centro Universitário Plínio Leite (UNIPLI), Niterói.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GARCIA, B. G. de. O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e relevância da diversidade para a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

GONÇALVES, L. A. C.; SILVA, P. B. G. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALL, S. *Identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão In: _____. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Caderno CEDES*, vol. 19, n. 46, Campinas, set.1998.

LARROSA, J.; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 31, n. 3, São Paulo, set./dez. 2005.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In JODELET, D. (Org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

_____. O fenômeno das representações sociais. In _____ *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre, Artmed, 1997.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

RAMPELOTTO, E.M. *Processo e produção na educação de surdos*. 1993. Tese (Mestrado em Educação) UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul.

SÁ, C. P. de. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SÁ, N. R. L. de. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *Convite a uma revisão da pedagogia para as minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdo*. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revista/espaco18/Atualidade05.pdf>. Acesso em: 24/06/06.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação e Sociedade*, vol. 26, n. 91, Campinas, mai./ago.2005, p. 565-582. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/>. Acesso em: 23/09/2006.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

_____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, A. B. de P. e; PEREIRA, M. C. da C. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia: teoria e pesquisa* v. 19, n. 2, Brasília, mai./ago.2003.

SILVA, A. C. A representação do negro no livro didático: o que mudou? Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_representacao_do_negro.asp?f_id_artigo=434. Acesso em: 23/09/2006.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade In SKLIAR, C. (Org.) *Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 105-153.

_____. (Org.) *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.